

Ruggero Jacobbi: recepção e circulação na dramaturgia nacional

Palavras-Chave: Modernização do teatro, Jacobbi, dramaturgia nacional

Autores(as):

MARIANA TERRA CHERFEN CAVALCANTE

Prof^(a). Dr^(a). MARIA BETÂNIA AMOROSO

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

O presente projeto trata da recepção e circulação das ideias e atividades do intelectual italiano Ruggero Jacobbi enquanto dramaturgo e teórico na modernização do teatro brasileiro na década de 1950. O cerne da investigação do projeto foi identificar as causas que contribuíram para a recepção teórica de Jacobbi na dramaturgia nacional. As hipóteses que orientaram a pesquisa são de que o contexto de crise em que o teatro brasileiro se encontrava, ainda distante da profissionalização, carecia de uma reflexão teórica no teatro amador e isso facilitou a recepção de teóricos estrangeiros, incluindo Jacobbi. As proposições do diretor italiano resultaram na formulação de um projeto de modernização teatral brasileiro pautada na direção nacional e na profissionalização do teatro. Ao chegar ao Brasil e ter experiências com algumas companhias teatrais, como o Teatro Brasileiro de Comédia e o Teatro do Estudante, Jacobbi percebeu que o debate sobre a modernização do teatro brasileiro precisava de uma orientação nacional.

A pesquisa se concentra na área de Teoria e Crítica, especificamente a respeito da circulação e recepção de autores italianos. As fontes selecionadas para a pesquisa foram publicações a respeito de Jacobbi ou artigos de sua própria autoria, cronologicamente organizadas para facilitar a identificação de um possível percurso de formulação de seu projeto de modernização teatral e de sua recepção na dramaturgia nacional. O material reunido para a análise foi referente ao período em que o intelectual esteve no Brasil, entre 1946 e 1960. Parte significativa desse conteúdo foi levantada com base na bibliografia brasileira de Jacobbi, organizada por Alessandra Vannucci (VANNUCCI, 2005, p. 245), tratando-se de uma compilação cronológica da produção crítica do diretor no período citado. Dessa bibliografia depreendeu-se um total aproximado de 540 artigos e publicações feitas em alguns dos periódicos nacionais de grande circulação, como Folha da Noite (SP), O Estado de São Paulo (SP), Correio do Povo (RS), especialmente entre os anos de 1952 e 1960.

Além desse conteúdo que já havia sido listado por Vannucci, foi possível encontrar outras fontes, ainda pouco exploradas, que datam dos primeiros anos de chegada do diretor no Brasil, no Rio

de Janeiro, de 1946 a 1949. Deste período, através de sucessivas buscas na Hemeroteca Digital Brasileira, 160 referências ao diretor foram localizadas nos periódicos cariocas, sendo a maioria do Correio da Manhã. Parte desse material encontrado tratava de anúncios de espetáculos, adaptados por Jacobbi ou dirigidos por ele. As fontes mais relevantes e selecionadas para pesquisa foram aquelas que descrevem as opiniões acerca do diretor recém-chegado da Itália, suas manifestações, por intermédio de cartas ou entrevistas concedidas para os jornais, e seus movimentos pelo meio teatral, seja participando de conferências de dramaturgia ou participando de seminários e clubes de teatro. A seleção desse material se deu pela hipótese de que, reunido, ele possibilitaria visualizar diferentes meios pelos quais se formava um caminho de recepção de Jacobbi e, posterior, elaboração de seu projeto de modernização teatral para o Brasil.

Tratando-se de quantidade extensa de fontes, foi necessário realizar uma leitura dinâmica de todo o conteúdo e organizar os artigos e publicações por ordem cronológica, especificando os assuntos tratados e os respectivos títulos em uma planilha. Dessa forma, a visualização de todo conteúdo reunido se tornou mais fácil, agilizando o processo de seleção das matérias mais relevantes para a pesquisa. Os critérios utilizados para escolher entre as 700 fontes coletadas foram definidos a partir da leitura dos textos e os seguintes elementos se fizeram mais significantes para a sequência do projeto: descrição de Jacobbi a partir de críticas publicadas no periódico, atuação do diretor no cenário dramático e suas opiniões e entrevistas divulgadas no jornal.

A pesquisa faz uma análise descritiva do material selecionado a partir da cronologia das publicações para elucidar uma possível via de recepção do diretor e um caminho pelo qual ele possa ter se orientado para formular seu projeto de renovação teatral.

RESULTADOS E DICUSSÃO

A primeira menção a Jacobbi encontrada é datada antes mesmo dele chegar ao Rio de Janeiro. Trata-se de um anúncio a respeito de sua vinda como diretor para América do Sul, junto de uma “trupe” composta também por Diana Torrieri e Tino Bianchi. A viagem dessa companhia, de duração de dois meses, foi financiada pela embaixada italiana e, no Brasil, eles fizeram conferências no Rio e em São Paulo, além de apresentações teatrais, como a peça *Vestire gli ignudi* de Pirandello. Não foi possível identificar com certeza o que levou o intelectual a ficar no Brasil depois de concluída a missão de divulgação artística da trupe. Aproximadamente um ano depois, no Rio de Janeiro, uma carta de Jacobbi para Magalhães Júnior foi publicada considerando-o regisseur italiano. Nessa carta, o intelectual elogia a peça *O amor que não morreu*, apresentada no Teatro Fênix, e discorre sobre suas memórias de diretor ainda em Roma, contando de quando dirigiu a mesma peça e os efeitos gerados foram reconhecidos por Bragaglia. Anna Proclemer (1923-2013) era a atriz principal e se destacou na performance. A apresentação, então, circulou na Itália, ainda durante a segunda guerra mundial.

Em maio de 1948, Jacobbi tem uma entrevista publicada na seção Teatro, ao lado do Diário do Cronista, escrito por Paschoal Carlos Magno, criador do Teatro do Estudante do Brasil (TEB). Ao

expressar sua opinião a respeito do teatro brasileiro, o diretor apontou uma crise de desenvolvimento, com presença de repertório e ausência de diretores.

O progresso de repertório não foi acompanhado, até hoje, por um igual progresso de espetáculo. Há poucos diretores. Ademais, também, esses poucos são quase sempre obrigados a trabalhar com amadores, obtendo assim resultados mais indicativos do que substanciais... pessoalmente acredito num outro tipo de direção, o da interpretação crítica e lógica do texto literário... Deve, também, existir o puro ensaiador, cujas funções mais técnicas do que artísticas, são indispensáveis em todas as companhias para se fazer, com qualquer repertório, espetáculos limpos e bem coordenados.

Nessa entrevista, identificando uma simpática “crise de desenvolvimento”, Jacobbi faz a leitura de três pontos da dramaturgia nacional: o repertório e o espetáculo não estavam se desenvolvendo simultaneamente; havia poucos diretores e muitos amadores e a direção também dependia da interpretação crítica e lógica do texto. Ele destacou que a função do ensaiador não era a mesma que a do diretor, mas era válida para refinar o espetáculo, e ainda reconheceu que a importância dos grupos amadores como os “futuros profissionais de amanhã”. As suas considerações, entretanto, não foram interpretadas como ideias condizentes à situação teatral brasileira: “talvez [Jacobbi] tenha agido assim por não estar bem ao par da situação teatral brasileira”.

Não era apenas nos palcos que o talento de Jacobbi se apresentava. Como intelectual, o diretor também focava no estudo teórico da dramaturgia. Por isso, frequentemente dava palestras e conferências a respeito da arte dramática, era ativo no movimento teatral em todas as frentes possíveis. Além de contribuir com o programa Rádio Teatro, ele também participou da Sociedade Brasileira de Autores de Teatro (SBAT) e organizou o estatuto do Club dos Amigos do Teatro, liderado por Aureo Nonato.

Quando alguns membros do TEB decidiram formar o Teatro dos Doze, no final de 1948, com a liderança de Sérgio Cardoso, Sérgio Britto e Ary Palmeira, escolheram Jacobbi e Hoffman Harnisch para dirigi-los. A peça inaugural do novo grupo foi uma nova edição de Hamlet, apresentada no início de janeiro de 1949, que estreou com lotação máxima no Ginástico e seguiu garantindo casa cheia nas três semanas que ficou em cartaz.

A experiência com os Doze não foi muito extensa porque o grupo precisou encerrar as atividades ao ser despejado do Teatro Ginástico por seu dono (RAULINO, 2005, p.74). Muitos de seus elementos participaram do Festival de Shakespeare, promovido pelo Teatro do Estudante, inclusive Jacobbi, convidado para dirigir Sonhos de uma noite de verão. Mesmo que os Doze não tenham tido uma trajetória teatral longa, seus resultados geraram algumas repercussões relevantes para o teatro. Uma dessas repercussões foi a atração de Franco Zampari para o intérprete de Arlequim, Sergio Cardoso, e seu diretor, Jacobbi, disso resultou o convite para ambos assinarem contrato com o Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo. Após dirigir algumas peças para o TBC e estreiar como roteirista de alguns sucessos brasileiros, como Susana e o Presidente (1951) e Presença de Anita (1961), Jacobbi começou a ser colunista da Folha da Noite ao mesmo tempo que pesquisava muito a dramaturgia

nacional. Segundo Raulino, ele era assíduo leitor nas bibliotecas públicas (2005, p. 74). Lendo o que o teatro brasileiro produzia, não se limitando apenas ao que era encenado nos palcos, o intelectual descobriu, por exemplo, Gonçalves Dias, que até então era famoso apenas como poeta, e sua peça Leonor de Mendonça (1846), ganhou vida nos palcos do TBC, em 1954 (idem). O mesmo se passou com O Rei da Vela, escrito em 1933, porém só encenado em 1967 depois da indicação de Jacobbi chegar a Zé Celso: “Ruggero Jacobbi foi ver [ler] todas as peças brasileiras e quando chegou na de Oswald de Andrade, ele pirou. Aí ele entregou para o Maciel, que passou para mim e assim nasceu o Rei da vela”.

CONCLUSÕES

A breve presença de Jacobbi no Brasil rendeu para o teatro brasileiro significativas transformações, considerando a descoberta e ênfase dadas a autores brasileiros e a prática teatral aliada à teoria. Por ser proativo no cenário teatral, em diferentes frentes, Jacobbi conseguiu uma posição de destaque entre os grandes grupos de teatro da época, construindo e defendendo seu próprio projeto de modernização que alinha o conhecimento de repertório nacional com o desenvolvimento do profissionalismo teatral.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA PRADO, Décio de. O teatro brasileiro moderno. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. Apresentação do Teatro Brasileiro Moderno. Crítica teatral (1947-1955). São Paulo, Martins, 1956.
- JACOBBI, Ruggero. A expressão dramática. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1956.
- _____. Goethe, Schiller e Gonçalves Dias. Porto Alegre: edições da URGs, 1958.
- _____. O Espectador Apaixonado. Rio Grande do Sul: Curso de Arte Dramática, 1962.
- _____. Teatrono Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RAULINO, Berenice. A contribuição de Ruggero Jacobbi para o Teatro Brasileiro. OUVIROUVER, n.1, 2005
- RUGGERO JACOBBI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ruggero_Jacobbi&oldid=64279749>.
- SÁBATO, Magaldi. Panoramado teatro brasileiro. São Paulo: Global, 1999.
- VANNUCCI, Alessandra (org). Crítica da Razão Teatral, O teatro no Brasil visto por Ruggero Jacobbi. São Paulo: Perspectiva, 2005.